

Fuga bilionária

Vicente Nunes
Da equipe do **Correio**

O Brasil perdeu R\$ 91 bilhões de sua poupança financeira ao longo de 2002. Esse dinheiro — que corresponde a 7% do Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas pelo país em um ano — foi remetido para o exterior, refletindo as incertezas que rondaram o Brasil no passado, sobretudo por causa das eleições presidenciais. Os R\$ 91 bilhões estavam depositados em conta corrente ou aplicados em caderneta de poupança, em títulos públicos e em fundos de investimentos.

Pelas contas do chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, a poupança financeira do país, fundamental para estimular a retomada do crescimento econômico, representava 60,9% do PIB no final de 2001. Em dezembro último, caiu para 53,6% do PIB. Desde a crise da Rússia, que em 1998 empurrou o país para a desvalorização do real, não se via tanta remessa de dinheiro do Brasil para o exterior. Foi a combinação da saída de recursos com a retração no fluxo de capitais para o país que levou o dólar a se valorizar, em 2002, quase 50% em relação ao real.

Segundo Lopes, apesar de ser extremamente dependente de recursos estrangeiros para fechar suas contas, o Brasil passou, no ano passado, de importador a exportador de poupança. Ou seja, ajudou a financiar o crescimento de outros países. “Infelizmente, a drenagem de dinheiro para o exterior foi resultado da desconfiança em relação ao Brasil. Mas esse quadro começou a se reverter em janeiro. O fluxo de capitais voltou a ficar positivo”, afirmou. Tanto que as reservas cambiais aumentaram cerca de US\$ 1 bilhão até ontem.

Na avaliação do economista do BC, a maior parte do dinheiro enviado ao exterior em 2002 saiu da poupança de empresas que tinham dívidas vencendo no mercado internacional, mas não conseguiram refinanciá-las. “Por isso, não se pode falar em fuga de divisas”, enfatizou. O economista-chefe da Gap Asset Management, Alexandre Maia, destacou, porém, que pelo menos R\$ 35 bilhões deixaram o Brasil em

2002 por meio das chamadas CC-5. São contas de não residentes no país, muito usadas por pessoas físicas para o envio, às vezes ilegal, de dinheiro ao exterior em tempos de instabilidade.

BRASILEIROS ASSUSTADOS

Lopes afirmou que as incertezas não se restringiram às remessas de poupança para o exterior. Os brasileiros também ficaram temerosos sobre o futuro da economia e preferiram sacar parte de suas aplicações em fundos de investimentos para ficar com o dinheiro no bolso ou nas contas correntes. Esse movimento, segundo o economista Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor da Dívida Pública do BC, foi intensificado pelo próprio Banco Central, ao exigir que os títulos em poder dos fundos passassem a ser

contabilizados pelo valor de mercado. Foi a fatídica “marcação a mercado”.

“A marcação a mercado tirou a credibilidade dos títulos públicos, que compõem as carteiras dos fundos de investimentos. De repente, esses papéis come-

RUMO AO EXTERIOR

R\$ 91 BILHOES

deixaram o país no ano passado. Dinheiro saiu das aplicações em caderneta de poupança em títulos públicos e fundos de investimento

çaram a dar prejuízos e os investidores se assustaram”, afirmou Thadeu. O patrimônio dos fundos encolheu mais de R\$ 60 bilhões. O resultado disso foi a expansão recorde da quantidade de dinheiro em circulação na economia, um dos grandes combustíveis da inflação no fim de 2002. Com mais dinheiro no bolso ou nas contas correntes, as pessoas foram estimuladas a gastar. O consumo maior tornou viável o reajuste de preços por parte da indústria e do comércio.

Pelos levantamentos do BC, o volume de dinheiro em poder da população aumentou 32,3% no ano passado — para R\$ 73,3 bilhões —, mais que o dobro do aumento registrado em 2001 (14,1%). Essa expansão aconteceu a despeito de o BC ter aumentado os recolhimentos compulsórios feitos pelos bancos na instituição. Os compulsórios retiraram mais de R\$ 60 bilhões da economia. “Não há dúvidas que o Brasil voltará a atrair capitais e a população redirecionará a poupança para o sistema financeiro quando a credibilidade no governo se consolidar”, disse Roberto Faldini, diretor da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp).

Joedison Alves/AE



RECUPERAÇÃO: ALTAMIR LOPES, DO BC, DISSE QUE AS RESERVAS CAMBIAIS DO PAÍS AUMENTARAM US\$ 1 BI EM JANEIRO